

A EXPERIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO DO TRABALHO COM A VIDA FAMILIAR DE MULHERES PLANTONISTAS DA REDE PÚBLICA DE SAÚDE, UMA ANÁLISE DE DISCURSO

Daniela De Arruda Miranda (daniela_psicologia@yahoo.com.br)

O objetivo desta pesquisa é conhecer a experiência de conciliação do trabalho com a vida familiar de mulheres que trabalham na rede pública de saúde de um município no interior do estado de Mato Grosso do Sul, cumprindo carga horária de plantão de 12h/dia ao menos uma vez na semana. Foram incluídas na pesquisa mulheres casadas ou vivendo em regime de coabitação com um companheiro e que tenham pelo menos um filho na idade da primeira infância. Como expectativa para o desenvolvimento desta pesquisa, esperava-se conhecer como se organizam as relações familiares das mulheres que vivem essa realidade, verificando como essa experiência de trabalho reflete em seus cotidianos e que consequências podem trazer para seus relacionamentos com seus cônjuges, filhos e com a família extensa. Houve também a possibilidade de verificar como isso influencia seus projetos futuros e se esses aspectos investigados afetam a qualidade de vida das mulheres plantonistas, sua saúde física e/ou mental, ocasionando alguma forma de adoecimento ou sofrimento psíquico. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas individualmente, gravadas em áudio, e os resultados das entrevistas estão sendo submetidos a uma análise de discurso, conforme Rocha Coutinho (1998). A análise, ainda em andamento, indica que a maioria das entrevistadas encontra dificuldades em conciliar a carga horária de trabalho com os cuidados que a maternidade exige, principalmente aquelas que possuem filhos nos primeiros anos de vida, sofrendo sobrecarga emocional e física. Muitas já apresentaram sintomas de ansiedade, necessitando de tratamento medicamentoso e psicoterápico, com diagnóstico de ansiedade ou depressão, devido à complexidade do ambiente de trabalho e a carga horária, o que implica em modificação da rotina familiar. Esses apontamentos ressaltam a importância de se ampliar as discussões sobre as práticas psicológicas voltadas para as mulheres mães, incluindo a especificidade desta população, bem como a necessidade de se problematizar o modo como o igualitarismo se estabelece nas relações parentais. A responsabilidade pelos cuidados com os filhos e outras atividades relativas à esfera doméstica não deve recair exclusivamente sobre as mulheres, sob o risco de comprometimento de sua integridade física e emocional.